





EM QUE CIRCUNSTÂNCIAS OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO JUSTIFICAM O USO DA VIOLÊNCIA NA SOLUÇÃO DE CONFLITOS?

Francieli Oliveira Carvalho de Souza¹  

Cezar Bueno de Lima²  

Vitória Harue Nakayama Fernandes³  

Resumo

A violência reflete questões socioeconômicas e culturais, tornando-se uma preocupação crescente no Brasil. O presente estudo investigou grupos de estudantes de Curitiba-PR com o propósito de analisar como eles interpretam e justificam o uso da violência, principalmente para resolução de conflitos, assim como, abordar a relevância das práticas restaurativas como alternativa não violenta no manejo dos conflitos. O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa-ação, com dados obtidos através de grupos focais entre os estudantes do Ensino Médio do CE Teobaldo Kletemberg. Também foi realizada a aplicação de questionário fechado e com perguntas abertas junto aos estudantes do CE Protásio de Carvalho. Por meio dos dados coletados, foi possível observar como a violência está intensamente inserida no ambiente escolar. As narrativas dos estudantes apontaram que seus envolvimento em conflitos são influenciados por emoções. Logo, a dificuldade de comunicar seus sentimentos durante uma discussão podem levá-los a expressarem fisicamente as emoções, por meio da agressão. Neste contexto, a Justiça Restaurativa surge como alternativa, promovendo diálogo, reflexão e aproximação entre vítima e ofensor em relação à composição pacífica de conflitos no espaço escolar.

Palavras-chave: Violência; Conflitos; Ensino Médio; Espaço escolar; Justiça restaurativa.

Como citar

SOUZA, Francieli Oliveira Carvalho; LIMA, Cezar Bueno; FERNANDES, Vitória Harue Nakayama. Em que circunstâncias os estudantes do Ensino Médio justificam o uso da violência na solução de conflitos? *Educação em Análise*, Londrina, v. 10, p. 1-19, 2025. DOI: 10.5433/1984-7939.2025.v10.52057.



¹ Graduanda em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) - PUCPR em 2022-2023. Curitiba, Paraná, Brasil. Endereço eletrônico: francieli.o.c.de.souza@gmail.com.

² Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e professor visitante do Programa de Doutorado em Humanidades da Universidade Católica de Moçambique. Curitiba, Paraná, Brasil. Endereço eletrônico: c.bueno@pucpr.br.

³ Graduanda em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Curitiba, Paraná, Brasil. Endereço eletrônico: vitoriaharue@gmail.com.

UNDER WHAT CIRCUMSTANCES DO HIGH SCHOOL STUDENTS JUSTIFY THE USE OF VIOLENCE IN CONFLICT RESOLUTION?

Abstract: Violence reflects socioeconomic and cultural issues, becoming a growing concern in Brazil. This study investigated groups of students from Curitiba-PR with the purpose of analyzing how they interpret and justify the use of violence, especially for conflict resolution, as well as addressing the relevance of restorative practices as a non-violent alternative in conflict management. This study is characterized as action research, with data obtained through focus groups among high school students at CE Teobaldo Kletemberg. A closed questionnaire with open questions was also applied to students at CE Protásio de Carvalho. Through the collected data, it was possible to observe how violence is intensely inserted in the school environment. The students' narratives pointed out that their involvement in conflicts is influenced by emotions. Therefore, the difficulty of communicating their feelings during a discussion can lead them to physically express their emotions, through aggression. In this context, Restorative Justice emerges as an alternative, promoting dialogue, reflection, and rapprochement between victim and offender in relation to the peaceful composition of conflicts in the school space.

Keywords: Violence; Conflicts; High School; School space; Restorative justice.

¿EN QUÉ CIRCUNSTANCIAS LOS ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN SECUNDARIA JUSTIFICAN EL USO DE LA VIOLENCIA PARA RESOLVER CONFLICTOS?

Resumen: La violencia refleja cuestiones socioeconómicas y culturales, convirtiéndose en una preocupación creciente en Brasil. El presente estudio investigó grupos de estudiantes de Curitiba-PR con el propósito de analizar cómo interpretan y justifican el uso de la violencia, principalmente para la resolución de conflictos, así como abordar la relevancia de las prácticas restaurativas como alternativa no violenta en el manejo de los conflictos. El presente estudio se caracteriza como una investigación-acción, con datos obtenidos a través de grupos focales entre los estudiantes de Educación Media del CE Teobaldo Kletemberg. También se realizó la aplicación de un cuestionario cerrado y con preguntas abiertas junto a los estudiantes del CE Protásio de Carvalho. A través de los datos recolectados, fue posible observar cómo la violencia está intensamente inserta en el ambiente escolar. Las narrativas de los estudiantes señalaron que sus involucramientos en conflictos son influenciados por emociones. Por lo tanto, la dificultad de comunicar sus sentimientos durante una discusión puede llevarlos a expresar físicamente las emociones, a través de la agresión. En este contexto, la Justicia Restaurativa surge como alternativa, promoviendo diálogo, reflexión y acercamiento entre víctima y ofensor en relación a la composición pacífica de conflictos en el espacio escolar.

Palabras clave: Violencia; Conflictos; Enseñanza Secundaria; Espacio escolar; Justicia restaurativa.

Introdução

Com o decorrer dos anos, a violência tem se tornado uma das maiores preocupações da população brasileira, particularmente em razão da apresentação intensa nas mídias sociais, que abordam reportagens sobre acontecimentos violentos. Esses eventos são estruturados por meio de uma base sociocultural que engendram violência e intensificam na sociedade brasileira a crença de que a violência acontece e se espalha livremente pelo país. À vista disso, torna-se mais provável que grande parcela dos brasileiros reflita que não há medidas cabíveis para remediar as situações de violência, uma vez que as providências tomadas pelo Estado não são capazes de solucioná-las a longo prazo (Pino, 2007).

O artigo apresentado é resultado parcial de um relatório construído em 2024 (os dados provenientes deste relatório foram coletados no ano de 2022) submetido ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PIBIC-PUCPR)⁴. O relatório finalizado é parte do projeto de pesquisa-ação com foco nos estudantes das escolas públicas do Ensino Médio no município de Curitiba. A pesquisa-ação nas escolas está inserida no projeto de pesquisa mais amplo denominado “As múltiplas faces da violação dos Direitos Humanos no Paraná”, vinculado ao Curso de Ciências Sociais, ao Programa de Mestrado em Direitos Humanos e Políticas Públicas - Linha de pesquisa Direitos Humanos e Políticas Públicas - da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. O projeto está aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade - CAAE: 8343617.5.0000.0020- Número do Comprovante: 5.587.165/2022.

A realização dos projetos individuais de pesquisa aprovados junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná conta com a participação de estudantes de graduação que, durante o período de vigência de seus respectivos planos de pesquisa (12 meses), são contemplados com bolsas de Iniciação Científica nas seguintes modalidades: Iniciação Científica Voluntária (ICV), CNPq e Fundação Araucária. A mesma linha temática de pesquisa foi contemplada por meio de um projeto de pesquisa de inovação social, modalidade pesquisa-ação nas escolas, submetido e aprovado em Chamada Universal MCTIC/CNPq 2021, concessão de bolsa produtividade em Pesquisa CNPq (2022-2025)⁵

⁴ Título do relatório final PIBIC submetido e aprovado: “Em que circunstâncias os estudantes do ensino médio justificam o uso da violência na solução de conflitos?”. O relatório em questão ainda não foi publicado.

⁵ Professor Cezar Bueno de Lima - proponente e responsável pela realização do projeto junto ao CNPq.

O estudo investigou os diversos cenários em que os estudantes do Ensino Médio de determinadas escolas públicas de Curitiba – PR justificam o uso da violência como um instrumento para a solução de conflitos e, ao mesmo tempo, abordar a relevância das práticas restaurativas como alternativa não violenta no manejo dos conflitos. Na literatura, constata-se os diferentes sentidos da palavra violência, visto que sua concepção se altera em determinado contexto. É possível apontar a complexidade acerca da temática e como a juventude é compreendida quando relacionada à violência, principalmente, a juventude periférica brasileira.

A utilização da palavra violência está naturalizada na sociedade atual, a mesma definição é responsável por caracterizar diversos acontecimentos, por exemplo, os canais de comunicação exibem eventos violentos por meio de informações sobre crimes, roubos, homicídios, latrocínios, feminicídios e outros. Entretanto, as diferentes formas de violência no meio urbano estão relacionadas aos cenários ligados ao contexto da sociedade brasileira atual e condicionados a múltiplos fatores.

Portanto, não é possível caracterizar de modo concreto o seu significado, independente de parâmetros institucionais, jurídicos, sociais e até individuais. Resumir o seu sentido a um conceito sólido e imutável restringe a compreensão das singularidades que configuram diferentes comunidades, as transformações e características históricas. Sendo assim, há a ocorrência de diversas formas de violência atreladas a inúmeros acontecimentos e normas (Bonamigo, 2008).

Por meio da literatura utilizada durante a produção da pesquisa, é possível obter o entendimento da ampla complexidade acerca da violência. Fachinetto (2010) denota a importância de problematizar o cenário que o jovem enfrenta na sociedade brasileira, principalmente no que diz respeito à violência, a juventude está submetida a diversas vulnerabilidades, que a tornam tanto vítimas, quanto ofensores.

É fundamental que a escola promova e incentive a construção da identidade dos estudantes, por meio de formas de ensino que enfatizem o respeito às diferenças vivenciadas na comunidade escolar. Quando não há o manejo adequado da diversidade na instituição, os conflitos se tornam evidentes, estes quando são manejados de forma inadequada geram violência em sala de aula. Na expectativa de contribuir para a resolução não violenta dos conflitos entre os estudantes no espaço escolar, a primeira seção do artigo expõe a importância da reflexão sobre a Justiça Restaurativa e como esta pode contribuir para criar instrumentos pacíficos para a comunidade escolar lidar com conflitos.

A segunda seção expõe os resultados da pesquisa de campo nas escolas, como os estudantes percebem a violência na escola, como eles resolvem seus próprios conflitos e se há o conhecimento sobre outras formas sobre resolução de conflitos. A terceira seção discute os dados apresentados e finaliza o artigo chamando a atenção para sensibilizar os jovens a respeito dos efeitos da violência escolar na construção de suas identidades.

A Justiça Restaurativa e sua aplicabilidade na solução de conflitos na escola

É possível notar que a escola é um espaço onde docentes e estudantes frequentam a maior parte do seu dia. Sendo assim, é um ambiente repleto de ideias, crenças, construção coletiva do saber e troca de vivências entre os sujeitos, é inevitável a existência de conflitos. Nesse contexto, a comunidade escolar demanda a necessidade de estabelecer práticas que favoreçam a comunicação não violenta, tanto em sala de aula quanto em outros ambientes da instituição. Portanto, é possível reconhecer nos fundamentos teóricos e metodológicos da Justiça Restaurativa uma possibilidade de auxílio na formação de uma cultura de paz no ambiente escolar (Dias, 2016).

Para tanto, é imprescindível que no âmbito de suas competências a coordenação pedagógica efetue atividades que contribuam em prol de uma melhora do nível da educação básica, e que devem estar baseadas em fundamentos democráticos e princípios éticos, presentes no projeto político pedagógico da escola.

A equipe escolar é desafiada a pensar e criar estratégias que visam preparar o adolescente para a formação de raciocínio, fazer escolhas e ponderar as consequências, exercer seus direitos, zelar pela sua saúde, adotar senso crítico, fazer uso das tecnologias de comunicação e informação, e consequentemente efetuar uma educação focada na cidadania (Dias, 2016).

Nessa perspectiva, a JR⁶ pode ser delineada como uma prática que visa auxiliar restauração da dignidade através do diálogo entre a vítima, autor e a comunidade. A comunicação é imprescindível para a melhor compreensão do conflito uma vez que, por meio

⁶ Justiça Restaurativa.

da reflexão e da empatia, o autor tem a liberdade de refletir sobre as consequências de suas ações e ter consciência antes de ofender outra pessoa (Andreucci; Felício, 2019).

O círculo restaurativo é um espaço promissor para a consecução dessa finalidade. Possibilita a resolução de conflitos escolares por meio da reflexão (a motivação e as causas das ações de cada um dos envolvidos), construção da empatia (habilidade de se colocar no lugar do outro), o empoderamento (a possibilidade de solucionar os seus problemas), senso de justiça (o sentimento de encontrar a melhor e igualitária solução) (Baroni, 2011).

Assim como também possibilita o desfecho de ações positivas (em que cada um se compromete a efetuar uma ação positiva, que favoreça o outro, para que seja possível restabelecer os vínculos corrompidos). Esse método se trata de uma maneira assertiva de solucionar conflitos, que possibilita a formação de espaços cooperativos, a comunicação e promove a redução de eventos violentos no ambiente escolar (Baroni, 2011).

Para a realização dessa técnica restaurativa, são necessárias três etapas: pré-círculo, círculo e pós-círculo. Os autores Machado, Brancher e Todeschini (2008) descrevem o momento inicial como pré-círculo, no qual é realizado o primeiro contato com os envolvidos do círculo. O coordenador é responsável por obter todos os fatos disponíveis acerca da motivação do conflito, se houver a possibilidade, realizar a leitura de documentos integrada por contatos informais e profissionais relacionados ao atendimento inicial do conflito. Portanto, essas ações têm como objetivo facilitar a perspectiva do coordenador sobre o que ocorreu durante a situação.

É fundamental destacar o papel do coordenador na primeira fase do método, visto que ele é o principal na atuação para realizar as condições que irão possibilitar a explicação adequada sobre o conflito, mesmo que haja divergências entre os participantes (autor, receptor e comunidade) quanto aos detalhes.

O Círculo Restaurativo é composto por três diferentes momentos. No primeiro, o qual os autores nomeiam de “Compreensão Mútua”, o foco é direcionado às necessidades atuais dos integrantes quanto ao fato ocorrido. O coordenador deve incentivar que cada participante exponha como sente-se em relação à situação e suas consequências, além de indagar o que o outro absorveu do que foi dito pelo colega e, por fim, garantir que todos sentiram-se compreendidos (Machado; Brancher; Todeschini, 2008).

Já no segundo momento, “Auto-responsabilização”, o ponto central está nas necessidades dos participantes ao tempo dos fatos e guia-se os membros à auto-responsabilização. É comum que nesse diálogo, o autor do fato dê início, expressando-se e

permitindo que os demais presentes o compreendam e confirmando esse entendimento. Os outros participantes também atuam nessa mesma dinâmica e ao final, todos devem afirmar que fizeram todas as declarações que pretendiam e sentiram-se ouvidos (Machado; Brancher; Todeschini, 2008).

Por fim, no momento intitulado “Acordo”, as necessidades dos participantes a serem atendidas protagonizam. Assim, o coordenador orienta os integrantes para que estabeleçam e sugiram atitudes concretas que possam alterar a situação conflituosa. Dessa forma, deve ser instituído um compromisso que envolva prazos realistas e claros para o cumprimento dessas ações, atendendo as necessidades manifestadas pelos participantes (Machado; Brancher; Todeschini, 2008).

Além disso, o coordenador deve finalizar redigindo um termo de acordo assinado pelos presentes. Neste termo deve conter a data, horário e o local em que o encontro Pós-Círculo se dará. É importante que o formulário Guia de Procedimentos Restaurativos, preenchido conforme cada etapa do processo se desenvolveu, deve conter todo o passo a passo até o presente momento (Machado; Brancher; Todeschini, 2008).

Para finalizar o Procedimento Restaurativo, deve-se aplicar o Pós-Círculo. Este é um encontro com o intuito de avaliar e refletir sobre o cumprimento do acordo estabelecido no Círculo Restaurativo. Os presentes debatem quanto à satisfação de todos em relação aos Planos de Ação, além de analisar quais resultados foram alcançados. Caso ao longo da discussão identifique-se a necessidade de revisitar o acordo, os membros podem sugerir alterações e novos encaminhamentos.

Dessa forma, é de responsabilidade do coordenador registrar o encontro, as sugestões (no caso de estas surgirem) e comunicar os desdobramentos do processo. É possível que os integrantes concluam que o acordo tenha sido cumprido em sua totalidade, encerrando o procedimento. Entretanto, quando este não é o caso, devem ser debatidas alternativas para dar sequência à resolução do conflito.

O círculo restaurativo se apresenta como uma alternativa ao uso da aplicabilidade de uma prática violenta e punitiva no espaço escolar, a prática violenta somente leva a ocorrência de mais situações violentas em sala de aula. É possível observar que todos os envolvidos no conflito, ao possuírem a autonomia para dialogar, escutar e presenciar os sentimentos de todos, conseguem desenvolver mais facilmente o senso de empatia, de assertividade. Portanto, deve-se negar o uso da violência como uma alternativa para a solução de conflitos.

Método

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é elaborada e efetuada com uma próxima relação com uma ação ou com a resolução de um problema grupal, onde os pesquisadores e os participantes do contexto que é analisado envolvem-se diretamente no processo, de forma cooperativa e interativa (Thiollent, 1985 *apud* Baldissera, 2012). Portanto, o projeto de pesquisa teve como enfoque a atuação direta da equipe de pesquisa com os estudantes do Ensino Médio das escolas públicas.

Neste projeto, a construção de conceitos, métodos e técnicas destinadas à intervenção social reconhece o “processo de autorregulação do objeto de estudo”, ou seja, um momento de diálogo e mediação de saberes e práticas sociais entre indivíduos, grupos, e instituições “com o objetivo de promover mudanças” no contexto da microrrealidade social. A pesquisa-ação preenche este requisito por tratar-se de uma modalidade de pesquisa que, segundo Thiollent (2002, p. 14):

[Possui] natureza argumentativa [ou deliberativa, contrária] à concepção tradicional de pesquisa, na qual são valorizados critérios lógico-formais e estatísticos. [Busca] estabelecer um vínculo entre [...] raciocínio hipotético [,] exigências de comprovação, [sem menosprezar] as argumentações dos pesquisadores e participantes. [A pesquisa-ação é] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Quanto à escolha das técnicas de pesquisa, a utilização de grupos focais oferece informações qualitativas, revela experiências, percepções, ideias, sentimentos e dificuldades vividas pelos grupos de entrevistados. A partir da construção de um roteiro prévio e denominado de questões mobilizadoras, os sujeitos da pesquisa explanam e/ou debatem e socializam suas experiências, interagindo sobre suas ideias na perspectiva de desvendar o objeto de estudo, bem como revelar novos fenômenos e a relação entre eles (Cruz Neto; Moreira; Sucena, 2002).

No caso dos jovens estudantes, a realização de grupos focais ajuda compreender e explicar valores e interesses que dão sentido à existência e à construção de relações e ações individuais e coletivas consideradas significativas.

Abordagem

O estudo realizado se trata de uma pesquisa qualitativa, essa categoria de pesquisa tem como objetivo investigar, descrever e compreender o seu objeto de estudo em seu próprio fenômeno social. A partir da análise das vivências e experiências individuais ou grupais. Essas vivências podem estar associadas a histórias biográficas e culturais ou a práticas do cotidiano, onde são analisadas os relatos, interações sociais e comunicações (Barbour, 2009). No que tange à fonte de informação, a pesquisa de campo aprofunda a explicação de uma realidade específica, exigindo contato direto com a população pesquisada, via interação por meio de grupos focais e construção de círculos restaurativos.

Procedimentos e instrumentos de coleta de dados

A síntese das falas apresentadas nos resultados constitui a pesquisa de campo (grupos focais) no ano de 2022, junto aos estudantes matriculados no 3º ano do período matutino do Colégio Estadual Teobaldo Eduardo Kletemberg, no total estavam presentes 10 estudantes e 2 pesquisadores do grupo de pesquisa (que também participaram como mediadores da discussão). No mesmo colégio, em um segundo momento, foi realizado o grupo focal com 10 estudantes do 1º ano do período noturno, 10 estudantes do 2º ano do período noturno e 2 pesquisadores para cada grupo focal.

O grupo focal teve como intenção questionar e compreender o ponto de vista dos estudantes sobre os temas: 1) Trabalho/escola/projeto de vida; 2) Violência/direitos humanos; 3) Participação/democracia/práticas restaurativas; 4) Avaliação positiva/negativa da escola. Logo, não foi utilizado um roteiro pré-estabelecido para a discussão com os estudantes, a condução do grupo focal ficou da responsabilidade dos mediadores de cada encontro.

As falas foram gravadas com a autorização dos estudantes, por meio dos celulares dos pesquisadores e posteriormente foram transcritas para um quadro, sendo selecionadas as principais respostas sobre cada tema. Para identificar as respostas dos estudantes foram utilizados nomes fictícios, a fim de preservar a identidade dos adolescentes entrevistados.

Os critérios de inclusão para as respostas apresentadas neste artigo foram aqueles que abordaram o tema violência, participação, práticas restaurativas, democracia, direitos humanos

e escola. Os critérios de exclusão foram as respostas que não apresentavam correlação com o tema central do estudo, sendo respostas sobre trabalho, projeto de vida, avaliação positiva e negativa da escola.

Quadro 1 - Exemplo de quadro utilizado para a transcrição das falas

NOME DA ESCOLA: COLÉGIO ESTADUAL TEOBALDO EDUARDO KLETEMBERG		SÉRIE: 3º ANO DO ENSINO MÉDIO	PERÍODO: MANHÃ
VARIÁVEIS	RESUMO DAS FALAS	REAÇÕES NÃO VERBAIS ⁷	OUTRAS OBSERVAÇÕES
1. TRABALHO/ESCOLA/PROJETO DE VIDA			
2. VIOLÊNCIA E DIREITOS HUMANOS			
3. PARTICIPAÇÃO/ DEMOCRACIA/ PRÁTICAS RESTAURATIVAS			
4. AVALIAÇÃO POSITIVA E NEGATIVA DA ESCOLA			

Fonte: Os autores (2022).

Os dados utilizados nas figuras deste estudo são provenientes de um questionário com questões de múltipla escolha e algumas perguntas com opção de resposta aberta, sobre os temas Violência, Justiça Restaurativa e Direitos Humanos aplicado via Google Forms. O questionário foi aplicado pelos professores em sala de aula para os estudantes das turmas do 1º, 2º e 3º ano do CE Protásio de Carvalho, localizado na Cidade Industrial de Curitiba – PR. O questionário recebeu um total de 109 respostas, no qual 86 participantes aceitaram responder ao questionário e concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e 23 participantes não aceitaram participar da pesquisa.

Procedimentos para a análise

A análise deriva da comparação entre as categorias teóricas descritas no artigo e a fala e/ou respostas dos estudantes aos instrumentos de pesquisa (grupo focal e questionário semi-

⁷ Reações não verbais: tom de voz, gestos, reação contraditória, ênfase na resposta, indiferença em relação ao tema.

aberto) referidos no artigo. A pesquisa-ação ressalta a importância de abordagens e conceitos teóricos e, ao mesmo, abre-se a outros provedores de significados oriundos de sujeitos e de suas vivências cotidianas.

Síntese dos dados coletados a partir das falas dos grupos focais

Como mencionado anteriormente nos procedimentos e instrumentos para a coleta dos dados, o grupo focal foi realizado com o 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, período matutino e noturno, do Colégio Estadual Teobaldo Eduardo Kletemberg. Nos três encontros realizados, participaram 10 estudantes⁸ e 2 pesquisadores do grupo de pesquisa responsáveis pela mediação da discussão. Inicialmente, foram realizadas as apresentações dos pesquisadores, os temas a serem tratados no grupo focal e esclarecido que o anonimato dos estudantes seria preservado. Posteriormente, os estudantes foram introduzidos aos temas apresentados (vide Quadro 1).

Ao que se refere a compreensão do que é violência, ao serem questionados pela mediadora, os estudantes de cada turma do 1º e 2º ano do Ensino Médio apresentaram respostas diversas. No entendimento do estudante JP, violência sugere “[...] desentendimento entre os alunos, daí causa a violência” (sic)⁹, já para N (1) “acho que desrespeito, em qualquer situação na verdade”. O estudante V, relacionou a violência não só com “briga”, mas adicionou que não é apenas a violência normal, mas a verbal, para o aluno, a violência psicológica “é mais bullying” (sic).

Quando questionados pela mediadora quanto à forma que lidam/resolvem seus problemas e conflitos, o diálogo foi mencionado por dois estudantes, N (2) afirma que “converso, resolvo na base da conversa” e o estudante V que em um primeiro momento declarou que “eu às vezes xingo”. Entretanto, conforme o debate decorreu, ele reflete que “é porque hoje

⁸ Foram utilizadas letras para identificar os estudantes e suas respostas, para proteger suas identidades, o nome dos estudantes são representados de maneira fictícia. Os estudantes com iniciais repetidas foram identificados com números. Exemplo: N (1) e N (2) são estudantes diferentes. Nos resultados participaram os seguintes estudantes: N (1): Nicole; V: Victor; JP: João Pedro; N (2): Nicolay; K: Kaique; E: Estudante E; F: Estudante F; B: Estudante B, A: Estudante A. Os últimos estudantes não foram identificados por nomes a critério do pesquisador que transcreveu o grupo focal para o quadro.

⁹ A expressão "SIC" advém da forma reduzida do termo em latim "sicut" que significa "assim como é, exatamente desta forma". A língua latina clássica também define o advérbio "SIC" como um termo próprio (no entanto com o significado parecido ao de "sicut"), representando que a expressão foi transcrita da forma em que foi dita, ou no mesmo nível de intensidade declarada (Maia; Palomo, 2012).

você vai resolver alguma coisa na briga? A gente não é mais animal, a gente não é mais selvagem” e conclui que para ele “na escola o mais fácil é conversar”.

Em sequência ao debate sobre formas de resolução de conflitos, na turma do 1º ano do Ensino Médio, a mediadora deu continuidade ao questionar “sobre resolução de conflitos, né, que é resolver problemas, vocês apontaram que a melhor forma seria a abordagem verbal e tentar entender os dois lados, num conflito físico, qual seria essa abordagem? Como vocês fariam?”.

Em um primeiro momento, o estudante K responde “ah, nem sei, acho que eu não sei”. No entanto, a mediadora questiona se o aluno já presenciou alguma briga física, ao que o estudante afirma positivamente. O estudante K declara que já presenciou esse tipo de briga e que estava envolvido nela “é bem diferente né? Daí nós resolve na briga, não tem como conversar com a pessoa” (sic), K afirma que na situação mencionada ele se defendeu por meio da agressão física.

Em debate com a turma do 3º ano do Ensino Médio, o mediador abordou um caso de injustiça que havia sido relatado e que os alunos afirmaram não ter realizado alguma intervenção, de forma a estimular o debate. Os estudantes F e E responderam respectivamente que “não, todo mundo ficou olhando” e “é que ele tava muito agressivo, ia pra cima de qualquer um” (sic).

Além disso, F relatou que, em dada situação, quase agrediu um de seus melhores amigos e, quando indagado pelo moderador o que ele pensava sobre isso atualmente, o estudante afirmou que foi um erro “quase bati numa grávida, eu podia ser preso naquele dia por um ataque de raiva. Eu me arrependo muito [...] se não fosse pela professora teria sido pior”.

O moderador também questionou os discentes quanto à posição que eles assumem ao presenciar algum caso de violência ou injustiça, se já adotaram uma posição defensiva e optaram por não se envolverem. O estudante B relatou que ao presenciar um conflito ele:

[...] fica mais na minha, porque acho que o problema de ficar se metendo em briga é você não saber quem tá certo e não saber se a pessoa tem alguma arma [...] então às vezes você fica com receio de ajudar. Mas se fosse pessoas que eu conheço eu iria ajudar.

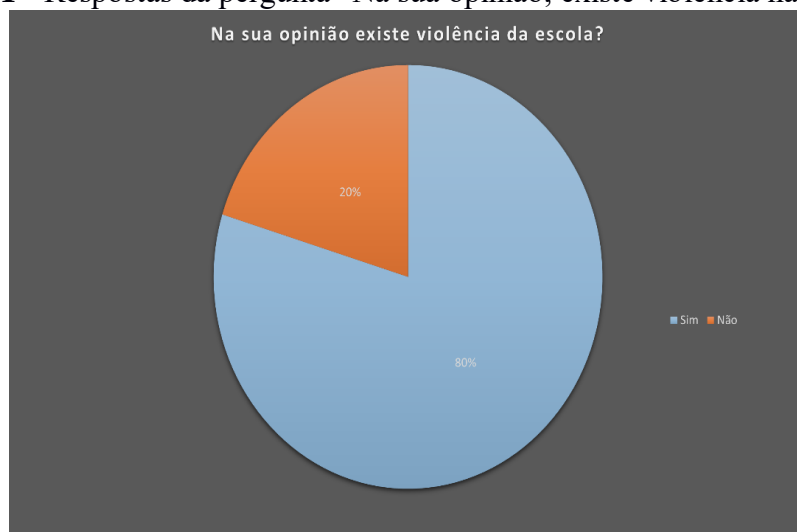
Na sequência, o moderador questiona qual estratégia os alunos imaginam que adotariam, mesmo que nunca tenham passado por uma situação parecida. A estudante A afirma “acho que deveria deixar o orgulho de lado [...] eu sempre vou pela conversa. Nunca parti para violência,

mas tem horas que cansa, porque as pessoas não te escutam [...] então resolvo ficar quieta” (sic). Já o estudante B responde que caso a situação fosse com um amigo seu ele seria capaz de intervir ou tentar interromper o conflito, a fim de impedir que ocorra algum mal com o colega. O aluno completa que mesmo que não soubesse o motivo do conflito, ele defenderia o amigo.

Síntese dos dados coletados a partir dos questionários

A aplicação do questionário foi essencial para obter a compreensão do ponto de vista dos estudantes sobre os temas violência, justiça restaurativa, conflito, direitos humanos, projeto de vida e outros. Em relação ao questionário aplicado no CE Protásio de Carvalho, é possível observar na Figura 1 os resultados do questionamento “Na sua opinião, existe violência na escola?”

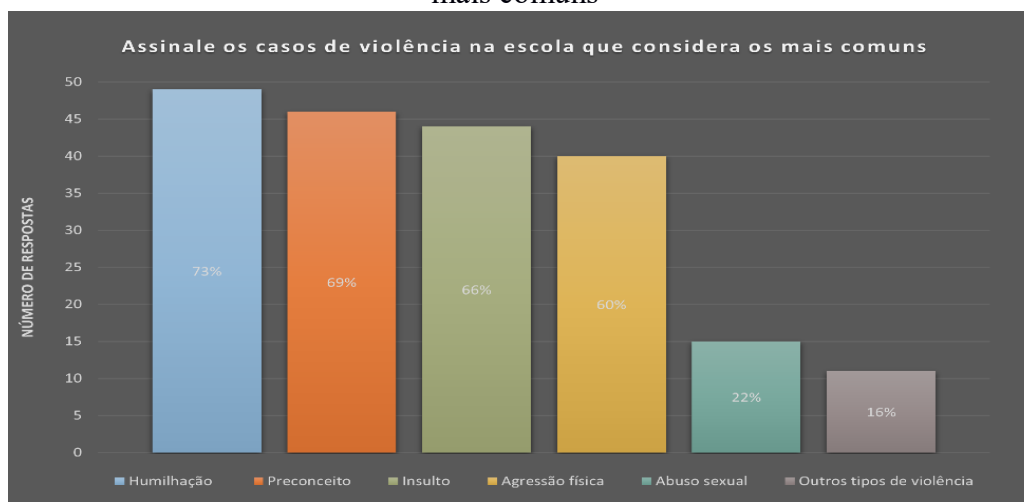
Figura 1 - Respostas da pergunta “Na sua opinião, existe violência na escola?”



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Observa-se através dos resultados do gráfico que os estudantes afirmam que há violência no espaço escolar, visto que 80% dos questionados responderam positivamente. Em relação aos casos de violência mais comuns encontrados na escola:

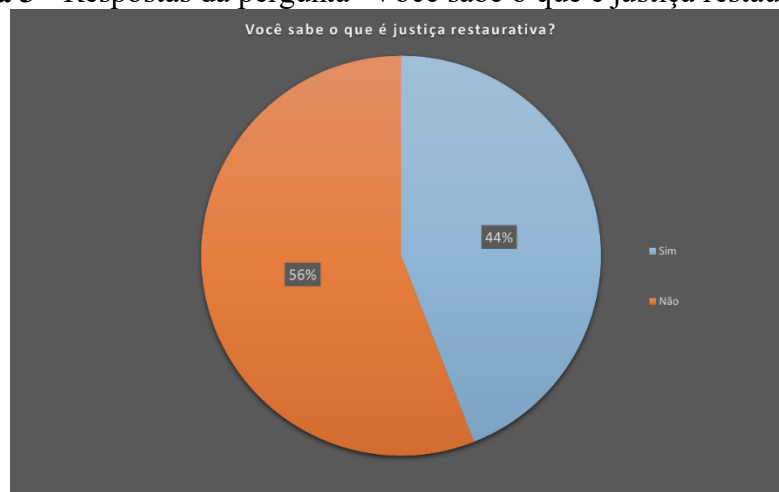
Figura 2 - Respostas da afirmação “Assinale os casos de violência na escola que considera mais comuns”



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A partir de uma amostra de 50 respostas, os casos de violência na escola considerados mais comuns pelos alunos foram: 73% “Humilhação”; 69% “Preconceito”; 66% “Insulto”; 60% “Agressão Física”. Os resultados permitem constatar a forte presença da violência escolar no cotidiano desses estudantes, especialmente a violência psicológica, verbal e o preconceito. Assim, frente aos resultados oriundos desse questionamento, é pertinente investigar se há nessa instituição uma promoção efetiva do ensino do respeito às diferenças culturais e da individualidade dos estudantes. Outro ponto de análise é se a própria escola, como instituição educacional está promovendo o reconhecimento e valorização da diversidade do corpo estudantil. Por fim, a última pergunta tratou do conhecimento dos estudantes sobre Justiça Restaurativa:

Figura 3 - Respostas da pergunta “Você sabe o que é justiça restaurativa?”



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

As respostas apontam que a maioria dos estudantes (56% das respostas) afirma não possuir conhecimento acerca dos fundamentos da Justiça Restaurativa. Esse resultado aponta que os estudantes não estão familiarizados com a metodologia da JR¹⁰, sendo necessário incentivar e implementar as técnicas para uma maior participação da comunidade escolar.

Discussão dos dados coletados: perspectiva teórica

Por meio da apresentação dos dados coletados nos grupos focais, é possível notar como a violência e a ausência de participação de uma discussão são representados como um instrumento para solução de conflitos. A narrativa do Estudante V demonstra que por mais que ele utilize xingamentos durante uma discussão, ele não acredita que a violência seja a melhor solução e o espaço escolar se apresenta como o ideal para conversar.

Na turma do 1º ano do Ensino Médio, ao serem questionados sobre resolução de conflitos e qual seria o método utilizado em um conflito físico, o estudante K afirmou que já presenciou uma briga física e que quando há uma resposta agressiva de outro indivíduo, não há outra possibilidade além de se defender fisicamente. No grupo focal realizado com a turma do 3º ano do ensino médio, o Estudante F declarou que quase agrediu fisicamente um dos seus melhores amigos. Ao ser questionado pelo moderador quais foram suas reflexões sobre esse acontecimento hoje em dia, ele afirmou ter se arrependido e acreditou que teria sido preso por um acesso de raiva.

Portanto, observa-se por meio do discurso dos estudantes que ao estarem em um conflito, eles são intensamente influenciados por motivações emocionais e psicológicas. Chrispino (2007) aponta que o conflito, além de ser consequência da diferença de opiniões entre pessoas, também é resultado da falha de comunicação e assertividade entre os indivíduos. A dificuldade de expressar assertivamente os seus sentimentos durante uma discussão acalorada pode levar o sujeito a expressar por meio da agressão verbal ou física.

Nos dados apresentados nas figuras, é possível observar que na Figura 3 a maioria dos estudantes (56%) afirma não possuir conhecimento teórico sobre a Justiça Restaurativa. Os estudantes estão interessados na utilização de práticas conciliatórias, entretanto, não estão familiarizados com as técnicas restaurativas. Neste contexto, a instituição escolar precisa

¹⁰ Justiça Restaurativa.

possibilitar práticas que providenciem a comunicação não violenta na solução de conflitos, promovendo um espaço que ofereça uma aprendizagem pacífica para resolução de conflitos até mesmo fora da escola. Conforme explica Dias (2016), por meio dos fundamentos metodológicos da Justiça Restaurativa é possível auxiliar na formação de uma cultura de paz no ambiente escolar.

Em relação à Figura 2, por meio de um total aproximado de 50 respostas sobre os casos de violência na escola considerados mais comuns, as respostas que foram mais assinaladas pelos estudantes foram: 73% “Humilhação”; 69% “Preconceito”; 66% “Insulto”; 60% “Agressão Física”. É possível notar que a violência escolar está presente no cotidiano dos estudantes, especialmente a violência psicológica, verbal e o preconceito. É necessário apontar que a apresentação dessas diferentes violências no espaço escolar está vinculada a ausência de ensino ao respeito à diversidade entre os estudantes.

Portanto, saber lidar com as diferenças culturais e de vivências entre os estudantes e oportunizar um espaço que promova a diversidade, ainda que seja um direito de cada estudante, é preciso que seja uma preocupação da instituição, que observa a realidade dos estudantes de maneira generalizada (Leite, 2006). Se as diferenças não forem manejadas de modo adequado e respeitoso, como consequência surgirão conflitos e manifestações violentas, posteriormente se tornarão violência escolar.

Considerações finais

Conforme os resultados apontados através da pesquisa de campo e da aplicação do questionário, nota-se como a violência, em suas diversas formas, se faz fortemente presente no espaço escolar. Em diferentes falas, foi possível observar que no relato dos estudantes que ao estarem em uma situação conflituosa eles são intensamente influenciados por aspectos emocionais e psicológicos. O conflito se origina a partir da divergência de opinião entre as pessoas, mas também é resultado da falha de comunicação. Portanto, a dificuldade de expressar verbalmente os seus sentimentos durante uma discussão enérgica pode levar à expressão física das emoções, por meio da agressão.

A Justiça Restaurativa surge como uma alternativa ao uso da violência na resolução de conflitos e o círculo restaurativo permite que vítima e ofensor sejam capazes de refletir quanto suas ações e pensarem em acordos futuros que amenizam as consequências da ocorrência. Assim, a implementação de métodos provenientes da Justiça Restaurativa é um eficaz caminho

para contribuir com ferramentas que permitam que os estudantes lidem de maneira respeitosa com situações de confronto. Entretanto, o desafio para a disseminação das práticas restaurativas se encontra na falta de conhecimento sobre essas.

A escola, como espaço de socialização e aprendizado, deve assumir um compromisso ativo na minimização da violência e do preconceito, além de desempenhar um papel fundamental na disseminação de valores que promovam o respeito e o diálogo.

Referências

ANDREUCCI, Álvaro Gonçalves Antunes; FELÍCIO, Cláudia João. Os círculos restaurativos como instrumento de mediação dos conflitos nas escolas: a construção de uma nova cultura jurídica. **Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas**, Pouso Alegre, v. 35, n. 1, p. 335-356, 2019. Disponível em: <https://revista.fdsu.edu.br/index.php/revistafdsu/article/view/305/259>. Acesso em: 11 fev. 2024.

BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, [Pelotas], v. 7, n. 2, p. 5-25, 2012. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/view/570>. Acesso em: 10 dez. 2024.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**: coleção pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman Editora, 2009. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=iwav7cXD4YwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso: 4 fev. 2025.

BARONI, Mariana Custódio de Souza. **Justiça restaurativa na escola**: trabalhando as relações sociomoraes. 2011. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/531b1ba5-07ed-4dcf-aca0-1b99cb741c82/content>. Acesso em: 22 jul. 2024.

BONAMIGO, Irme Salete. Violências e contemporaneidade. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v.11, n.2, p. 204-213, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HwMmgkb6Q35rBwwMCfhtqMw/?format=pdf>. Acesso em: 11 fev. 2024.

CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p. 11-28, 2007. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362007000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 jul. 2024.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo R; SUCENA, Luiz F. M. **Grupos focais e pesquisa social qualitativa**: o debate orientado como técnica de investigação. [Campinas:

Unicamp, 2002]. Disponível em:

https://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PESQUISA%20EM%20GEOGRAFIA/Grupos%20Focais%20e%20Pesquisa%20Social%20Qualitativa_o%20debate%20orientado%20como%20t%E9cnica%20de%20investiga%E7%E3o.pdf. Acesso em: 6 fev. 2024.

DIAS, Clara Celina Ferreira. Justiça restaurativa nas escolas públicas: uma alternativa para mediação de conflitos. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL UMA NOVA PEDAGOGIA PARA A SOCIEDADE FUTURA*, 2., 2016, Polêsine. **Anais [...]**. Polêsine: Fundação Antonio Meneghetti e Faculdade Antonio Meneghetti, 2016. p. 178-186. Disponível em: <https://ciodh.emnuvens.com.br/novapedagogia/article/view/155/176>. Acesso em: 22 jul. 2024.

FACHINETTO, Rochele Fellini. Juventude e violência: Onde fica o jovem numa sociedade “sem lugares?” *In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya (org). A violência na sociedade contemporânea*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 60-72.

LEITE, Ana Maria Alexandre. Escola, juventude e violência. **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares Em Memória Social**, Rio de Janeiro, v. 5 n. 8, p. 1-9, 2006. Disponível em: <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4766>. Acesso em: 17 jul. 2024.

MACHADO, Cláudia; BRANCHER, Leoberto; TODESCHINI, Tânia Benedetto (org.). **Manual de práticas restaurativas**. Porto Alegre: AJURIS, 2008. 44 p. Disponível em: <https://feccompar.com.br/wp-content/uploads/2023/05/praticares.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2025.

MAIA, José Antonio; PALOMO, Lúcia Mara. "SIC". **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 8–9, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ramb/a/Kb8PqgBCLgDdXSWHkCcSSFs/#top>. Acesso em: 7 fev. 2025.

PINO, Angel. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 28, n. 100, p. 763–785, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Fcw4BTVQtGJKZTcky7Y5hzx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 fev. 2024.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 2002.

CRediT

Reconhecimentos:	Não se aplica.
Financiamento:	Não se aplica
Conflito de interesses:	Os autores certificam que não tem interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética:	Não se aplica.
Contribuição dos autores:	Souza, F. O. C. e Fernandes, V. H. N. declaram ter participado da redação do artigo, e afirma ter sido de sua responsabilidade a Conceituação, Curadoria de Dados, Análise Formal, Investigação; Lima, C. B. declara que contribuiu com o desenvolvimento da Metodologia, Redação – rascunho original; Supervisão, Validação, Visualização, Redação - revisão e edição.

Submetido em: 13 de dezembro de 2024

Aceito em: 11 de fevereiro de 2025

Publicado em: 28 de fevereiro de 2025

Editor de seção: Luiz Gustavo Tirolí

Membro da equipe de produção: Ana Luiza Marques Pedraçoli

Assistente de editoração: Giovanna Martins Capaci Rodrigues